

PAIS & Filhos

MENSAL • AGOSTO 00 • NÚMERO 115

Miomas
O que fazer?

Grávida
aos 40

Mães-Luas
O que dizem
os astros?

Veja o seu
filho na capa

A idade dos **tweens**

Entre a infância e a adolescência

Concurso: ganhe 10 mil contos em prémios!

Sumário

| | |
|-----------|--|
| 16 | MIOMAS Diagnóstico e tratamentos possíveis por Isabel de Matos |
| 20 | GRÁVIDA AOS 40 A maturidade da maternidade por Ana Vieira de Castro |
| 28 | UM COLO PARA DOIS Como é ter filhos de idades muito próximas por Paula Carvalho |
| 36 | MÚSICA DESDE O BERÇO As primeiras notas por Helena Rodrigues |
| 40 | UMA VIAGEM A LONDRES Com muitas malas e um bebé por Gonçalo Tavares |
| 00 | CUIDADOS NAS FÉRIAS Escaldões, diarreias, picadas de insecto: saiba como prevenir por Paulo Oom |
| 48 | O QUE FAZEMOS NAS FÉRIAS? Ideias para dias bem passados |

CAPA: GETTY IMAGES



| | |
|------------|---|
| 56 | OSSOS FORTES Para crescer melhor por Paula Torres de Carvalho |
| 88 | UNIVERSIDADE PARA CRIANÇAS Como se pode aprender, a brincar Por Paula Torres de Carvalho |
| 126 | CABELOS SAUDÁVEIS Os cuidados que deve ter por Rosa Cordeiro |



24
O CORDÃO DOS AFECTOS
Quando se corta o cordão umbilical,
outros laços se estabelecem
por Carla Ramos da Silva



60
TWEENS
Já não são crianças,
mas ainda não são adolescentes
por Ana Esteves

98
ADOLESCENTES
So much pleasure...
Where is the pain?
por Maria Nogueira



103
MÃES LUAS
Qual o significado da Lua
num tema astral?
por Ana Vieira de Castro

Música desde o berço

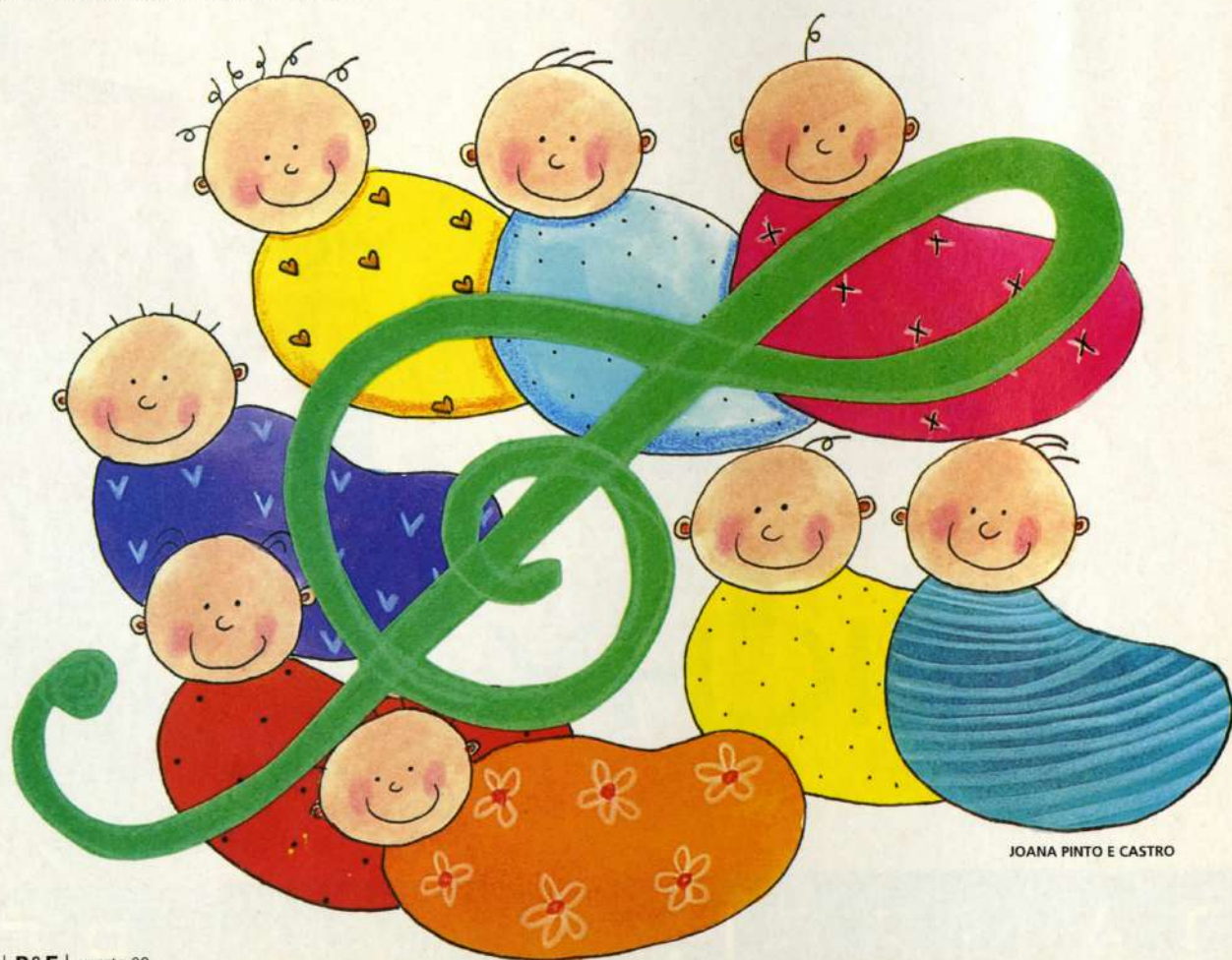
Aprender música é um processo que tem início muito antes de inscrevermos as crianças nas aulas de piano ou violino. Ainda no berço elas já estão a aprender através do contacto com a música que as envolve. É dessa riqueza musical, que compete aos pais e educadores oferecer, que vai depender o seu desempenho musical futuro...

por HELENA RODRIGUES
(Docente no Departamento de Ciências Musicais FCSH-UNL)

A importância da música na educação pré-escolar é defendida desde há muito por vários pedagogos. No nosso País, alguns educadores e algumas instituições têm desempenhado um importante papel neste domínio. No entanto, foi a partir de 1995 que a temática do desenvolvimento musical da criança desde o nascimento passou a ser alvo de maior atenção. Efectivamente, por essa altura, o investigador norte-americano Edwin Gordon – autor de importantes trabalhos no domínio da Psicologia da Música e da Pedagogia Musical que há mais de vinte anos leva a cabo estudos sobre o desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar – ini-

ciou um contacto regular com o nosso País¹, tendo sido organizadas diversas sessões de demonstração de orientações musicais para crianças entre os zero e os quatro anos de idade. Tenho tido o privilégio de contactar de perto com este investigador e, com a colaboração de Ana Paula Almeida e Isabel Gonçalves, participar em várias dessas sessões. Em iniciativas destas, com carácter pontual, o objectivo tem sido o de demonstrar como interagir musicalmente com os mais pequeninos, o que tem gerado um enorme interesse por parte de Pais e educadores.

«Maissss» foi o monossílabo articulado por uma das pequeninas participantes, no silêncio que se seguiu à improvisa-



JOANA PINTO E CASTRO

ção rítmica de uma dessas sessões efectuada no Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian no passado mês de Maio. Justamente porque é preciso «maiss», evocam-se aqui algumas das questões mais frequentemente surgidas neste contexto, esperando que possam ser inspiradoras para os interessados neste tipo de trabalho. Para já, aqui ficam algumas reflexões sobre princípios filosóficos e educativos. Para o próximo número da PAIS & Filhos serão abordadas questões com maior carácter prático.

Porquê iniciar o contacto com a Música numa idade tão precoce?

São vários os estudos que mostram que o recém-nascido possui desde o nascimento um grande número de competências sensoriais e de processamento de informação a partir das quais se estabelece a sua interacção e comunicação com o Mundo. Nos primeiros tempos de vida têm lugar aquisições cruciais, determinantes para as aprendizagens futuras. No que concerne à aprendizagem musical, Gordon acredita que é na altura do nascimento que se possui um maior potencial musical e que se não se receber estimulação adequada, esse potencial decresce. As aprendizagens processam-se mais rapidamente e melhor quanto mais pequenina for a criança.

Assim, a qualidade da orientação musical a fornecer logo após o nascimento é de uma importância capital. Tal como na aquisição da língua materna em que a criança vai adquirindo informalmente – em interacção com os Pais e o meio envolvente – a preparação necessária para posteriormente aprender questões formais relativas à leitura e à escrita da mesma, também musicalmente a criança necessita de estar preparada antes de ser integrada num programa formal de estudos musicais. Ou seja, em termos musicais é necessária uma preparação idêntica à que precede a entrada de uma criança na escola para aprender a ler ou a escrever ou para resolver problemas de matemática. Este período de instrução informal deverá ser como que um prelúdio para a instrução formal a ocorrer posteriormente.

Para quê fomentar a aprendizagem musical numa criança?

Para que a criança possa compreender uma parte fundamental da Cultura humana. Para que possa expressar-se – consigo própria e com os que a rodeiam – através deste medium único e insubstituível. Para que tenha acesso a esta «língua humana» (utilizando a expressão de Pascal Quignard na sua obra *Todas as manhãs do mundo*) que lhe permite ler e relacionar-se com o Mundo de uma forma total e que lhe traz vivências humanamente muito gratificantes.

Pessoalmente, dispenso argumentos como a detecção precoce de talentos ou eventuais ganhos acrescidos em termos educativos noutras áreas do comportamento (do género: a Música desenvolve o raciocínio verbal ou matemático, a sociabilidade, etc) para justificar o direito a uma aprendizagem musical de qualidade².

Relativamente ao primeiro argumento, acredito que a definição de uma carreira e as decisões vocacionais se alicer-

çam em fundamentos de vida muito mais amplos e profundos que os estritamente ligados à detecção de «pequenos geniozinhos». Há pouco tempo li numa revista que alguns Pais demasiadamente preocupados com a estimulação dos seus bebés e procurando fazer deles «super-bebés» iam ao ponto de os fazer participar em competições em que gatinham! Enfim, não há comentários para mal-entendidos como este!

Relativamente ao segundo tipo de argumentos, parecem-me perfeitamente irrelevantes face à riqueza intrínseca que a experiência musical contém em si mesma. Isto é, a experiência humana e o contacto com outras realidades proporcionado pela experiência musical é único, insubstituível, e portanto, suficiente para se auto-justificar. Não percebo por que se há-de dizer que a Música é importante para se aprender melhor a Matemática ou a Língua Portuguesa em vez de se dizer que as crianças devem aprender a Língua Portuguesa ou a Matemática para melhor aprenderem Música...

O que é que se pretende, então, com este contacto precoce com a Música?

Pretende-se criar condições para que o sujeito venha a compreender a Música e seja capaz de comunicar através das suas próprias ideias musicais expressando-se de forma autónoma e independente. Uma aprendizagem musical de qualidade deve permitir que compreendamos não só as histórias musicais dos outros, mas também que possamos «contar as nossas próprias histórias», como dizia um conhecido músico de jazz. A aprendizagem musical deve ser iniciada o mais cedo possível de forma a permitir ao sujeito uma compreensão mais profunda da comunicação musical, dotando-o com capacidades mais amplas para se expressar através deste medium.

Com a aprendizagem musical pode suceder o mesmo que com algum mau ensino da matemática ou da língua materna, alvo de críticas quando as crianças são capazes de ler sem compreenderem aquilo que lêem ou são capazes de apresentar resultados certos em operações matemáticas sem, no entanto, entenderem o raciocínio matemático subjacente. Musicalmente falando, pode suceder também que as crianças sejam capazes de imitar mas não sejam capazes de transferir as suas competências musicais para outros contextos ou situações que não aquela que repetidamente memorizaram e mecanizaram.

A grande finalidade desta exposição precoce à Música é, pois, criar condições para que a criança a aprenda como aprende a língua materna. Para que venha a ser capaz de pensar musicalmente. Para que venha a ser capaz de formular ideias musicais próprias podendo ir cada vez mais longe no âmbito da sua imaginação sonora, quer se trate de uma situação de audição musical, de execução num instrumento, de improvisação, de composição, de leitura ou de escrita musical.

Pretende-se também «lembrar» aos Pais esta forma de se relacionarem com os seus filhos. De facto, creio que se fizessemos um estudo comparativo no tempo, ou de acordo com estilos de vida, iríamos encontrar Pais que investem

muito num contacto personalizado através de interacções verbais/musicais ou proto-musicais e outros que, embora podendo investir muito também nesta relação, o fazem mais através de jogos ou, por exemplo, através da imagem. A este respeito não será especulativo defender que a TV alterou muito o tipo de contactos e os hábitos de interacção verbal/musical que os Pais tradicionalmente estabeleciam – ou estabelecem, em certas culturas – com os seus filhos.

O que significa «orientar musicalmente»?

Significa criar condições de estimulação musical; significa proporcionar um meio rico musicalmente onde a criança possa encontrar aquilo de que necessita para o seu desenvolvimento. Isto é, não existe a ideia de ensinar no sentido de atingir objectivos muito específicos e concretos. Trata-se de proporcionar à criança a oportunidade de coleccionar e explorar o vocabulário musical da sua cultura envolvente.

O processo deve ser natural, semelhante ao que sucede com a aquisição da língua materna. Nesta, os adultos interagem verbalmente com ela, não havendo, no entanto, uma intenção directiva no sentido de a ensinar a falar – a criança vai estando simplesmente exposta às interacções verbais do meio. Aos poucos, o seu falar vai elegendo os fonemas predominantes da cultura linguística envolvente. Vai pronunciando sílabas, palavras, reconhecendo o nome de objectos e acções (ex: aponta quando se lhe pergunta onde está o Pai, a Mãe, o gato, etc), nomeando objectos com as suas próprias codificações (água é «bua», por exemplo) tacteando por entre a construção das frases (ex: «eu sabo», em vez de «eu sei»). E à medida que o seu conhecimento verbal vai aumentando, também o seu pensamento vai poder complexificar-se e mais enriquecidas se vão tornando as suas possibilidades de expressão. Depois de um período de aquisição de vocabulário através de processos imitativos, a criança vai pouco a pouco tornar-se capaz de penetrar no território da improvisação verbal.

De modo análogo, em termos musicais, trata-se também de expor a criança à cultura musical do meio envolvente – como se se tratasse de um «banho musical» – sendo importante que o meio ofereça experiências musicais diversificadas. A diferença e a comparação são basilares na aprendizagem – aprende-se o que é distinguindo-o do que não é. Assim, quanto mais rico e variado for este meio, maior será o vocabulário musical adquirido e, portanto, maiores serão as possibilidades de desenvolvimento da compreensão e do pensamento musical.

A que idade se deve iniciar o estudo de um instrumento musical?

O investigador anteriormente referido defende que não existe idade cronológica mas apenas idade musical. Defende também que deve existir uma sequência de aprendizagem adaptada a diferenças individuais. É assim difícil apontar uma idade exacta – depende do passado musical da criança e também do instrumento em causa. A relação com o instrumento deve existir quando há evidências de que a criança está preparada para «pensar musicalmente». Idealmente, uma criança que tenha recebido

orientações musicais adequadas começará a exercer essa capacidade entre os quatro e os seis anos de idade. De qualquer modo, o professor de instrumento deve estar atento à existência ou não dessa preparação prévia – desse «pré-requisito» – e adaptar o seu ensino específico fazendo também com que a criança vivencie experiências musicais globais, se expresse através do movimento, cante, descubra sons no seu instrumento de eleição – ou, se possível, contacte com vários – e invente «pequenas obras» antes de contactar com a escrita musical.

Lamentavelmente, o que acontece frequentemente é que, não tendo sido dada a atenção devida a este período prévio de instrução informal, a criança é confrontada com situações para as quais não estava preparada, saltando-se etapas fundamentais na sua aprendizagem sequencial. Lembro-me de um colega me perguntar, uma vez, onde podia pôr o filho, de palmo e meio, a aprender Música. Mas, dizia ele, «Música a sério» (isto é, leitura de partituras e piano), pois estava farto das «cantiguinhas» e «jogos» da escola. O meu colega era músico mas não tinha ainda reflectido que, se calhar, era ainda prematuro (ressalvo, embora, que há casos excepcionais) submeter a criança à aprendizagem individualizada de um instrumento e à notação musical...

Lembremo-nos do que sucede no âmbito da aquisição da leitura e da escrita: uma criança só inicia esta aprendizagem depois de conseguir expressar-se oralmente. Depois de possuir vocabulário que lhe permita expressar as suas próprias ideias. Depois de fazer as suas próprias improvisações e criações orais, expressando as suas ideias através de palavras. Só depois faz sentido confrontá-la com o mundo da leitura e da escrita. E, espera-se que a criança que agora aprende a segurar a caneta possa um dia mais tarde servir-se dela para escrever os seus poemas, as suas cartas, os seus apontamentos, as suas reclamações – possa, com ela, comunicar consigo e com o Mundo.

Aprender a tocar um instrumento é como aprender a segurar a caneta para, igualmente, encontrar uma extensão de si próprio. Assim, a aprendizagem de um instrumento deverá suceder-se a um contacto com a Música em que a criança vai adquirindo vocabulário musical que lhe permita expressar e criar as suas próprias ideias musicais. E neste primeiro contacto informal com o mundo da Música – tal como com o mundo das Palavras – os Pais e os educadores são os primeiros Mestres. ■

Bibliografia: Gordon, E. (2000). Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (no prelo).

Rodrigues, H. (1998). Música para os pequeninos – Elementos da perspectiva de Edwin Gordon, Cadernos de Educação de Infância, 48, pp.39-41.

Rodrigues, H. (2000). Aspectos sobre desenvolvimento musical de recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar segundo a perspectiva de Edwin Gordon, Cadernos de Educação de Infância, 53, pp. 31-37.

Valerio, W. et all (1991). Music Play. Chicago: GIA. (a editora possui o seguinte site na internet: www.giamusic.com).

1 O Professor Edwin Gordon estará novamente ao nosso País entre 7 e 15 de Setembro. As informações poderão ser obtidas no Departamento de Ciências Musicais da F.C.S.H. – U.N.L., Telef. 21 793 3519/ 793 3919

2 A este respeito poderá ser consultado o artigo «Música, chocolate para os ouvidos», publicado no Jornal de Letras em 24/3/97.